

# O PROCESSO CIVILIZADOR E OS ESPAÇOS DE NÃO CIVILIDADE NA FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DO CARMO EM PARINTINS, AMAZONAS.

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

**CORRÊA; Rosimay<sup>1</sup>**

## RESUMO

### INTRODUÇÃO

A colonização da Amazônia esteve apoiada, desde o início, na colonização espiritual<sup>[1]</sup> justificada pela presença, entre outros, dos missionários lusitanos no século XVII que fundaram o Forte do Presépio em Belém, no estado do Pará. Dessa região partiram diversas ordens missionárias com o propósito de assegurar o domínio territorial para o Estado e a conquista das almas para a Igreja ao longo do rio Amazonas e seus afluentes.

A aventura da conquista política e religiosa da Amazônia acompanhada da tentativa de compreendê-la pelos naturalistas, estudiosos e escritores ao longo dos séculos revelam uma região marcada pela diversidade geográfica, política, econômica, social e cultural. Essa diversidade torna o entendimento sobre essa região uma tarefa árdua e, ao mesmo tempo, desafiadora, pois “falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos-fisiográfico, social, intelectual- é aventurar-se a enfrentar senão o infinito, pelo menos o indefinido” (BATISTA, 2003, p.11).

Em seus estudos, Silva (2004) aponta para a existência de três Amazônias. A primeira é a Indígena que corresponde aos milhares de nativos reunidos em etnias com língua, cultura, organização social e política específicas que viviam nessa região antes da chegada dos europeus. A segunda é a Lusitana que equivale aos interesses econômicos e políticos lusitanos na exploração das riquezas naturais e das produzidas nesse lugar. A terceira é a Portuguesa, pois trata-se do processo de incorporação dessa região ao Estado brasileiro a fim de impedir uma possível independência. A autora acrescenta ainda uma quarta Amazônia, a Revolucionária nascida das constantes lutas sociais e políticas, expressas em especial pela Cabanagem<sup>[2]</sup> no século XIX, que colocaram a soberania nacional em xeque e a região no cenário das revoluções.

Nessa perspectiva, percebemos que o termo Amazônia aponta para a diversidade em todos os aspectos, como assinala Torres (2005, p.20), “deve-se ter claro que a Amazônia não se resume à biodiversidade. A heterogeneidade sociocultural também é uma das maiores características da região”. Nas diversas localidades amazônicas, as pessoas construíram formas peculiares de sobrevivência, aproveitando de múltiplas maneiras os recursos da fauna e da flora, estabelecendo relações sociais, políticas e culturais criadoras de fortes laços identitários dos quais, neste artigo, destacamos a religiosidade voltada às festas dos santos padroeiros.

Em Parintins, no Estado do Amazonas, situada à margem direita do rio Amazonas, entre o rio Madeira e o Paraná do Ramos, viviam ao longo do tempo diversas etnias indígenas até a chegada dos europeus no século XVII. O nome desse município é uma homenagem aos índios *Parintim* que habitavam a Serra de Parintins<sup>[3]</sup>. No decorrer do tempo, essa região foi habitada também por pessoas de outras nacionalidades como portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, entre outros, que contribuíram para a formação étnica e cultural local.

De acordo com as pesquisas do IBGE (2010), dos 102.033 habitantes<sup>[4]</sup> de Parintins cerca de 83.487 se declararam adeptas da religião Católica Apostólica Romana. Os demais professam a religião Evangélica da Missão, Pentecostal, Testemunhas de Jeová, Tradições indígenas, Judaísmo, Espírita, sem religião entre outras. Note-se que a religião católica é predominante nesse município, tendo a devoção a Virgem do Carmo a expressão maior da fé católica, acompanhada da crença na proteção divina diante das dificuldades, do perigo e da iminência da morte. Para Durkheim (2008, p.493), “o fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si maior força para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las”.

A proposta deste artigo está voltada à discussão de alguns aspectos da festa da padroeira, Nossa Senhora do Carmo em Parintins que sinalizam a presença do processo civilizador e de mecanismos de controle social conduzidos pela igreja. O material bibliográfico analisado corresponde a trechos da minha tese de doutorado defendida em 2019<sup>[6]</sup> junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Para esta discussão acompanhamos as teorias eliasianas que revelam o papel da igreja

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, rosimay.correa@ifam.edu.br

no desenvolvimento de sistemas de controle psicogenético e sociogenético que exerceram forte influência na formação da identidade e da cultura parintinense.

### **A devoção, a festa e o barracão**

A Ordem dos Carmelitas surgiu no Monte Carmelo região da Palestina por volta do século XII, sendo considerada a herdeira do profeta Elias[7]. De acordo com a tradição da Igreja, a Virgem do Carmo apareceu ao Superior Geral da Ordem Simão Stock[8] no dia 16 de julho de 1251 em seu socorro diante das perseguições no Ocidente.

Em Parintins essa devoção foi semeada no século XIX, pelas mãos de frei José Álvares das Chagas[9] que reuniu um número expressivo de indígenas, em especial, a etnia Sateré-Mawé[10] para povoar Vila Nova da Rainha[11], antigo nome de Parintins que era administrada pelo capitão de milícias português José Pedro Cordovil[12]. Coube ao Estado e à Igreja a imposição das leis, das regras morais, dos hábitos e dos costumes considerados civilizados, ignorando-se a existência da heterogeneidade sociocultural das etnias indígenas existentes na época que foi sufocada diante do encontro de culturas de matriz europeia.

Por meio do discurso civilizador, a Igreja e o Estado justificavam ações que ao final, ameaçaram a cultura dos povos nativos da Amazônia. O termo civilização “expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo” (ELIAS, 2011, p.20) e diante dos povos indígenas, missionários e capitães julgavam-se superiores em todos os aspectos, e por isso, autorizados a subjugar, dominar e a explorar os nativos e as riquezas de suas terras.

A devoção a Virgem do Carmo semeada no solo parintinense fez parte do projeto colonial e civilizador, pois visava a conquista da alma dos nativos e do seu corpo para o mundo do trabalho. A docilidade, a disciplina, o medo e as regras impostas pela doutrina cristã acorrentavam ainda mais os nativos, afastando-os da própria cultura e da liberdade.

Ainda no século XIX ocorreu a fundação da paróquia de Nossa Senhora do Carmo, sendo elevada à Prelazia em 1955 e à Diocese em 1961, reunindo também os municípios de Barreirinha, Nhamundá, Boa Vista do Ramos e Maués. Este salto está associado à presença dos missionários do PIME[13] desde 1955, cuja ação “foi materializada por meio da construção de igrejas, escolas, rádio, olaria, seminário e outras obras que alteraram a rotina dos parintinenses” (CORRÊA, 2019, p. 38).

Essas obras revelam o interesse em fortalecer a igreja ao reunir os católicos, animando a fé cristã, afastando outras religiões, educando a juventude e elaborando um discurso sobre a identidade religiosa católica, como revela o historiador Diego Omar Silveira (Apud CORRÊA, 2019, p.38), “se pegar *Os Clarões de fé* vamos perceber que desde o primeiro momento Dom Arcângelo[14] fala que trouxe a civilização para este lugar inóspito, que não é nada antes da chegada da posse da fé cristã, é com os cristãos que isso sai da barbárie e vai para a civilização”.

Conforme a fala desse historiador, o discurso oficial considera a igreja como a autora do desenvolvimento econômico, social e cultural de Parintins. De modo que, sem a presença desta instituição, a cidade não teria alcançado a civilização. Tal proposição apresenta algum teor de verdade, porém não significa que este crescimento esteja associado exclusivamente às ações da igreja, deve-se também considerar a atuação das forças políticas e seu contexto histórico numa perspectiva de processo social. Para Matos (2015, p.106), “o conceito de processos sociais nos dá a dimensão do olhar em retrospectiva e visualizar que os humanos, por força de suas capacidades biológicas, não seguem em uma única direção”, ou seja, as mudanças sociais são resultantes das múltiplas interações sociais tecidas na sociedade no decorrer do tempo.

Em relação a Parintins, podemos considerar que o contexto histórico da época contribuiu para o desenvolvimento das ações e atividades da igreja, de modo que as forças sociais, políticas e religiosas da época envolvidas pelo discurso desenvolvimentista[15] impulsionaram tal avanço. Oliveira e Oliveira (2012, p.01) considera que todo “esse processo não seria obra de planejamento de uma única pessoa ou grupo de pessoas. Foi a somatória dessas transformações que permitiu a constituição da atual civilização”.

A expressão maior da devoção carmelita nessa região é a realização da festa em honra a Nossa Senhora do Carmo no período de 06 a 16 de julho, logo após o Festival Folclórico[16]. Nessa época do ano ocorre a redução da quantidade de chuvas, há fartura de pescado, tem-se o recuo das águas do rio Amazonas e o reaparecimento das terras de várzea. Os moradores que estavam nas terras firmes retornam com seus animais para as áreas de várzea e cultivam uma variedade de verduras, legumes e frutas que abastecem as feiras e

mercados locais.

A festa a Virgem do Carmo se encontra na passagem do inverno para o verão amazônico<sup>1</sup> [7], trazendo benções por meio da abundância de alimentos, principalmente, para os que vivem nas comunidades rurais, nas cabeceiras de rios e igarapés. Participar da festa do Carmo representa a gratidão pela fartura de alimentos e pelas graças alcançadas durante o ano.

Os católicos e devotos da Virgem do Carmo residentes nas comunidades rurais chegam nos dias 05 e 06 de julho em Parintins para participarem do Círio[18]. Essa participação aumenta a partir do dia 14 quando se aproxima o encerramento da festa. Até meados do século passado, as igarités[19] que enfeitavam a orla da cidade sinalizavam os festejos à santa. Nos dias de hoje, as embarcações motorizadas (rabetas[20], navios, barcos e lanchas) diminuem a distância e o tempo das viagens, transportando devotos, romeiros e demais participantes da festa da santa.

Na maioria das vezes essas pessoas se instalam na residência de parentes, amigos ou ainda nas próprias embarcações. Até a década de 1960, com a colaboração dos católicos a igreja construía um barracão que servia de moradia às pessoas que chegavam para o festejo. Era uma habitação provisória, feita com madeiras da região e coberta com palha, sem divisão de cômodos, somente um grande salão onde eram amarradas as redes, acomodados os pertences, onde também ocorriam as refeições, a higiene e o descanso.

Além da farinha d'água, beiju, verduras, legumes e frutas, essas pessoas traziam seus animais de estimação, como também, outros animais (porcos, patos, galinhas e outros) para servirem de alimentos. Nesse barracão de uso comunitário as relações sociais eram marcadas pela partilha desde os alimentos até a esperança e a fé no poder da santa (CORRÊA, 2019).

Sendo o mundo uma criação do próprio ser humano, ele dá sentido às coisas, aos fenômenos, aos fatos e à própria vida. Para Bachelard (1978, p. 225), “a casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imaginação, animam-se mutuamente em devaneios contrários”, produzindo uma interação contínua entre a casa, o mundo externo e as pessoas que transitam nesses espaços. Da Matta (1986, p.23) considera que a rua “é o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e a morada”. A casa simboliza a intimidade em oposição à rua que representa o domínio do público.

Na Amazônia, o barracão assume um significado próprio, ele é “aberto dos lados, com chão de terra batida. Chamam-no ramada, e nele se dança durante as festas” (WAGLEY, 1988). O barracão engendra a representação das reuniões, das assembleias e das festas, sendo diferente tanto da rua quanto da casa, sendo ele uma extensão desta em direção àquela. O barracão erguido na orla da cidade que abrigava os participantes da festa da padroeira, promovia a convivência comunitária, estando fora do privado (casa) e do público (rua), e ordenando-se simplesmente pelo interesse das pessoas em participar do festejo.

No decorrer do tempo, o barracão deixou de existir e o espaço de convivência na festa da padroeira tornou-se o arraial, correspondendo à praça em frente e nas laterais da Catedral. Nesse espaço, o controle social, o controle dos impulsos e das emoções são preponderantes, afrouxando-se à medida que ocorre o afastamento do seu epicentro, a Catedral. A organização da festa ora nas mãos dos leigos passou a ser de domínio da Coordenação Geral, Coordenação da Festa e Comissões da Festa[21], tendo o pároco e o vigário os principais líderes. O barracão antes o espaço de convivência comunitária dá lugar ao arraial que é o espaço do controle social.

Essas mudanças sinalizam mudanças na concepção dos indivíduos motivada pelo controle social imposto pela igreja, que assegurou para si o controle sobre a organização da festa da padroeira. O espaço oficial para a expressão da fé à santa tornou-se o arraial, tendo o apoio e o consentimento de grande parte dos católicos cuja memória do barracão só encontramos naqueles que, numa determinada época presenciaram ou conviveram com a necessidade de acolher numa casa comum aqueles que de longe vinham para as homagens à santa. Para Elias (2011, p.221) “pode-se demonstrar sem dificuldade que tal mudança nas estruturas de personalidade é um aspecto específico do desenvolvimento das estruturas sociais”, isto é, à medida que o espaço urbano de Parintins foi modificado pelas obras da igreja e do poder público, concomitante ao aumento populacional, o cotidiano e as relações sociais alteraram-se, modificando também as formas de agir e de pensar dos indivíduos.

### **Os inferninhos, as marginalidades e as exclusões**

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, rosimary.correa@ifam.edu.br

A expressão *festas amazônicas* correspondem às práticas culturais realizadas nas cidades e nas áreas rurais de influências indígenas, europeias e afro-descendentes na Amazônia (BRAGA, 2007). É perceptível, em grande parte destas festas, o consumo de bebidas alcoólicas que gera polêmica entre as pessoas que discordam dessa prática nas festas religiosas.

Na festa da padroeira em Parintins, o comércio de bebidas alcoólicas foi proibido em 2014, levando ao fechamento do *Bar da Festa* que funcionava desde 1985 (CORRÊA, 2019). Esse comércio foi proibido também no arraial que passou a ser demarcado por cavalhetes, contando ainda com o serviço de seguranças particulares para o impedirem o tráfego de pessoas consumindo essas bebidas ou com sintomas de embriaguez. Esta medida recebe o apoio dos órgãos públicos fiscalizadores que disciplinam os horários e o funcionamento dos bares e comércio nas cercanias do arraial. Para Oliveira e Oliveira (2012, p.04) “é preciso compreender que as relações sociais são elaboradas para e pelos homens, e visam atender às demandas do momento histórico em que estão vivendo”.

Apesar dessa proibição, pode-se observar a presença desse comércio na parte final do arraial, especificamente, nas ruas Clarindo Chaves e Governador Leopoldo Neves, realizado em barraquinhas improvisadas na frente das residências e em triciclos[22]. É comum observar também o comércio de alimentos bem como o serviço de estacionamento. Em frente à praça da Catedral encontra-se a avenida principal[23] da cidade, a avenida Amazonas, cuja passarela é tomada por toda a sorte de vendas ambulantes. Na outra margem dessa via, os lanches e bares ficam lotados de clientes, tornando inevitável o consumo às escondidas de bebidas alcoólicas no arraial.

Em virtude da participação intensa de pessoas na festa da santa, determinadas vias públicas receberam a alcunha de inferninhos, pois antigamente, o consumo de bebidas alcoólicas nesses espaços era liberado, “tinha muita caipirinha, isso aqui era cheio de caipirinha era barulho, o rapaz vinha pra cá e trazia o som dele, já lhe falei era um inferninho, era horrível de tudo, era barulho, briga, prostituição era de tudo”(CORRÊA, 2019, p.48).

Note-se que a desordem, a violência e a prostituição associados ao consumo de bebida alcoólica na festa da padroeira concorreram para a proibição desse comércio no arraial, afastando-o para as margens. A expressão inferninho atenua e ameniza a carga do termo inferno, representando as áreas nas bordas do arraial, onde ocorrem pequenas transgressões atreladas ao consumo de bebidas alcoólicas, sendo espaços desviantes do percurso da civilidade e da ordem, pois correspondem aos espaços onde predominam a ausência das regras da igreja e no qual todos os comportamentos são permitidos.

Esses espaços brotam, principalmente, na orla e bairros periféricos da cidade, surgindo e desaparecendo conforme a vazante e a enchente do rio. Os frequentadores dos inferninhos pertencem a todas as classes sociais, sobressaindo-se os oriundos das comunidades rurais e dos bairros periféricos. Esses espaços recordam as festas de santo realizadas nas comunidades rurais da região onde a diversão e a informalidade são aceitas como partes essenciais do tempo festivo. Acredita-se que após cumprir suas obrigações com a santa, o devoto pode buscar a diversão, pois o sagrado e o profano[24] estabelecem uma relação de complementaridade (ALVES, 1980).

As festas em homenagem aos santos marcam a celebração da vida na sua plenitude, pois constituem “a enchente da existência colectiva ” (CALLOIS, 1988, p.124). A presença dos inferninhos é necessária ao permitirem a participação de todas as camadas sociais nas homenagens à santa, num trânsito que foge ao retilíneo, pois “a ordem, a desordem, a potencialidade organizadora, devem ser pensadas juntas, ao mesmo tempo, em seus caracteres antagônicos bem conhecidos e seus caracteres complementares bem desconhecidos” (MORIN, 2008, p.65). Os inferninhos recordam o tempo no qual o controle eclesiástico apresentava-se mais flexível, permitindo que os leigos tivessem o controle dos bens da salvação.

Anterior à construção da Catedral, por volta de 1940 e 1950, a rua Clarindo Chaves recebia a alcunha de “rua da pausada”, isto porque havia uma intensa concentração de bares e pontos de prostituição. Grande parte das brigas e dos desentendimentos envolviam as prostitutas e seus clientes, quando estes recusavam-lhes o pagamento, sendo repreendidos com golpes de pau.

À medida que os terrenos localizados nesta via foram comercializados e ocupados por novas famílias, os bares e as estâncias afastaram-se para as áreas distantes da igreja e do centro da cidade. Por volta do ano de 2.000, parte dos bares e vendas ambulantes, concentrados nessa via, deslocaram-se para a rua Governador Leopoldo Neves, cortada pela rua Getúlio Vargas que dá acesso ao curral do boi-bumbá Caprichoso. É nesta rua que, atualmente, surgem os inferninhos no tempo da festa da padroeira.

Vale destacar ainda que a prática da prostituição também ocorre nos inferninhos. As aglomerações, o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas podem ser fatores que contribuem para essa prática. A busca dos prazeres do corpo compõe ambiência da festa, da aglomeração e da excitação. Os inferninhos permitem que as prostitutas participem das festividades, já que são excluídas da ode da igreja, por serem consideradas mulheres da vida e de vida fácil. As prostitutas não se enquadram no perfil das mulheres honradas, comportadas ou do lar, como prevê o patriarcado. Na antiguidade, conforme Rago (2008, p.41), a prostituta “poderosa, simbolizava a investida do instinto contra o império da razão, a exemplo de Salomé, ameaça de subversão dos códigos de comportamento estabelecidos”. A prostituição é uma profissão de auferir dividendos com a venda de serviços sexuais. Essas mulheres são donas do próprio corpo e capazes de dissociar o amor do prazer e, isto, incomoda a moral cristã.

Ao descrever a sociedade parintinense da década de 1950, Teixeira (2007, p.419) destaca a predominância de um preconceito rígido sobre as chamadas *mulheres mal faladas*, a saber: “o clube tinha especial atenção em proibir expressamente o ingresso de moças *mal faladas*. Isso constituía uma questão de honra: se havia falatórios na cidade de que determinada moça já havia perdido a virgindade (a ‘honra’), ela não devia tentar entrar no clube”.

Na hora de escolher a pessoa para levar a imagem da santa durante a arrecadação dos donativos nos primórdios da festa da padroeira, destacou-se a artesã Veríssima que “era uma pessoa de respeito mesmo, todo mundo procurava ela, ornamentava, fazia grinalda da primeira comunhão” (CORRÊA, 2019, p.52). A moral cristã cria comportamentos considerados virtuosos, por isso as “pessoas de respeito” deveriam ser e parecer pessoas corretas em suas condutas. O processo civilizador conduzido pela igreja aponta para os bons comportamentos e exige a virtuosidade das mulheres, sendo que essas qualidades não eram atribuídas a qualquer mulher, mas somente àquela cuja vida é tão exemplar quanto a de Maria.

As prostitutas assim como as mulheres amasiadas, separadas, moças que fossem vistas acompanhadas por estranhos ou sozinhas à noite pelas ruas da cidade, enfim, aquelas que não se adequavam à moral católica, eram excluídas. Na década de 1950 “a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas, enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional” (DEL PRIORE, 2014, p.71).

Em Parintins, como nos demais centros urbanos, lida-se com a prática da prostituição. Homens e mulheres encontram diversão e companhia no âmbito da prática sexual comercializada. O dinheiro pago pelos momentos de prazer é o mesmo dinheiro que permite o sustento de famílias inteiras da própria trabalhadora do sexo. Nessa cidade haviam lugares específicos para esses encontros, “frequentavam os homens casados, homens da sociedade que podiam pagar. Os que não podiam, vinham aqui pra *Pausada*, por incrível que pareça, os ‘bonitão’, né, iam pra lá pro ‘Toco’<sup>[25]</sup>” (CORRÊA, 2019, p.53).

Nesses pontos de prostituição era comum a presença tanto de homens casados quanto de solteiros. Algumas vezes, os proprietários desses ambientes contratavam mulheres de outras cidades com o intuito de atrair os clientes. Não aceitando esta prática, a igreja comprou o terreno onde estava instalado o *Toco*, construindo nesse espaço uma escola<sup>[26]</sup>.

A prostituição era uma prática comum em Parintins nos meados do século XX e nesse período, os ambientes nos quais ocorriam essa prática foram afastados do centro. Para Del Priore (2009, p. 115-116), essas medidas que visavam banir o desregramento moral, “não eram exclusividade da Igreja, mas circulavam também na literatura e nos manuais de casamento” como orientações de uma ética do casamento. De acordo com Rago (2008, p.42), contra as prostitutas, “levantavam-se as vozes competentes dos homens cultos, advertindo contra os perigos de contaminação física e moral que representavam para o equilíbrio da sociedade”.

Os bordéis foram levados para os bairros periféricos como forma de controle social, pois nesses lugares mulheres e homens não detinham o comportamento que a moral dominante exigia como sinônimo de “bons costumes” e civilidade. Esta medida revela também o controle da sociedade disciplinar, pois “a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação” (FOUCAULT, 2005, p.300).

Afastar esses lugares dos centros urbanos representava uma espécie de higienização desses espaços, expressando ainda mudanças na estrutura e nas relações sociais, ou sociogênese, bem como alterações no comportamento e na estrutura da personalidade, ou psicogênese (ELIAS, 2011). O controle sobre o corpo feminino e o combate às doenças justificaram a criação de códigos de condutas e regulamentação dos espaços

e da prática da prostituição, expressando assim mudanças na forma de lidar com essa realidade.

Durante a festa da padroeira, a prostituição aparece nos inferninhos como um desvio à moral, pois a prostituta e Maria representam padrões de comportamentos diferentes. A primeira expressa a liberdade sexual feminina, que separa amor do prazer, enquanto que a segunda é desprovida da sensualidade e marcada pelo aspecto da maternidade. Os inferninhos não dizem respeito somente ao espaço físico, eles se referem, também às pessoas que são marginalizadas e excluídas da sociedade. São nesses lugares que as prostitutas podem frequentar sem receberem juízos de valor acerca da sua condição. Nesses ambientes todas as classes sociais interagem, expressando sua religiosidade por meio da vivência de experiências intensas, ao mesmo tempo em que elas satisfazem as necessidades humanas voltadas ao afeto, ao alimento, à diversão e ao prazer sexual. Devido a intensidade das experiências vivenciadas nesses ambientes, as pessoas estão sujeitas também às situações de violência e morte, sendo esses locais zonas perigosas da festa como consequência inevitável da ausência de regras e de controle social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas religiosas amazônicas são ocasiões de encontro, de renovação da fé no santo padroeiro e de interações sociais que fortalecem os laços comunitários. A devoção a Nossa Senhora do Carmo possibilita o encontro das pessoas das áreas rurais com as da área urbana de Parintins, além de atrair devotos e católicos oriundos das cidades próximas e da capital, Manaus.

A devoção e a festa a Virgem do Carmo representam o processo civilizador nessa região da Amazônia ao alterarem os costumes, os hábitos e a concepção de mundo dos católicos locais, internalizando a Mãe de Jesus como sinônimo e modelo do bom cristão. De modo que, o amor e a fé no poder de Maria criou vínculos de afetividade que, sob o controle da igreja, estabelecem formas de expressão da fé e atitudes consoantes à moral cristã vigente.

Os espaços transgressores e as categorias sociais marginais foram afastados do epicentro da festa e levados às bordas do arraial. Nesses espaços que predominam a ausência de regras e do controle eclesial, trazem lembranças de um tempo no qual o controle dos bens da salvação era administrado pelo leigo, ou ainda numa época na qual a festa simbolizava a vida plena, o encontro necessário entre o sagrado e o profano, longe do processo civilizador.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém.** Petrópolis: Vozes, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

BATISTA, Djalma. **Amazônia- Cultura e Sociedade.** Manaus: Editora Valer, 2003.

BENAION, Noval. **A subordinação Reiterada: imperialismo e subdesenvolvimento no Brasil.** Manaus: EDUA, 2006.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins.** Rio de Janeiro: Funarte/ Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

\_\_\_\_\_. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades.** Sérgio Ivan Gil Braga (Org.). Manaus: EDUA, 2007.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado.** Tradução Geminiano Franco, Lisboa: Edições 70, 1988.

CERQUA, D. Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas: A prelaia de Parintins no seu jubileu de prata** Manaus, Imprensa Oficial, 1980.

CORREIA, Rosimay. **Flor do Carmelo: o céu e os inferninhos na festa da padroeira de Parintins, no Amazonas.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia-UFAM, 2019.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

. **Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história**. São Paulo: Planeta, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. 3ª ed. –São Paulo: Paulus, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes** Vol.1. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Colégio da França**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em 23/04/2021.

MATOS, Gláucio Campos de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Valer/ Fapeam, 2015.

MORIN, Edgard. **O método 1: a natureza da natureza**. Trad. Ilana Heineberg. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

OLIVEIRA e OLIVEIRA, Osmar Nascimento de; Terezinha. O processo civilizador segundo Norbert Elias. IX APEND SUL- Seminário de pesquisa em Educação da região sul, 2012.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Arthur César Ferreira. A conquista espiritual da Amazônia. Manaus: Edições Governo do Estado, 1966.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Uninorte, 2004.

SOUZA, Francisco Bernardino de. **Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas**. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988.

TEIXEIRA, Paulo Lobato. **A longa caminhada: Livro das famílias parintinenses Lobato e Teixeira**. Parintins: Edição do Autor, 2007.

TEIXEIRA, Pery et. al. **Migração do povo indígena Sateré-Mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia**. Cad. CRH [online]. 2009, vol.22, n.57, pp.531-546. ISSN 0103-4979. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792009000300008>. Acesso em: 10/07/2019.

TORRES, Iraldes Caldas. **As Novas Amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais**. Manaus:Valer, 2014.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem dos trópicos**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3 ed. Belo Horizonte:Itatiaia; São Paulo;Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

[1] Ver Reis (1966)

[2] A Cabanagem foi um movimento popular e social surgido no período do Brasil Imperial, 1835 a 1840 na província do Grão-Pará.

[3] A Serra de Parintins é uma elevação de terra que possui 152 m de altitude, também é o limite divisório entre os Estados do Amazonas e Pará. Em 1806 funcionou um Posto Fiscal da Diretoria de Economia e finanças do governo Brasileiro.

[4] Atualmente os habitantes de Parintins somam 115 363 pessoas, com maior concentração populacional na área urbana deste município. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html> Acesso em 07/04/2021

[5] O uso do verbo na primeira pessoa do singular, neste trecho, atende a uma perspectiva pessoal de interesse pela temática. O texto em geral está escrito na primeira pessoa do plural.

[6] Ver Corrêa (2019).

[7] No século IX, o profeta Elias combateu os profetas de Baal e Asserá, divindades antigas em especial do povo cananeu. Ver Corrêa (2019)

[8] A aparição de Maria a Simão Stock teria ocorrido no dia 16 de julho de 1251 em Cambridge, data que se festeja o dia da santa. Ver Corrêa (2019).

[9] Frei José Álvares das Chagas pertencente à Ordem dos Carmelitas foi considerado o responsável em reorganizar Vila Nova da Rainha, bem como a fundação das aldeias de Canumã, São José do Matary e Borba, sendo a sua atuação religiosa e política reconhecida por autoridades e autores da época. Ver Corrêa (2019) e Souza (1988).

[10] O termo Sateré significa lagarta de fogo e mawé significa papagaio inteligente. A etnia Sateré-Mawé é a etnia que mais se destacou na região de Parintins. O guaraná e o Porantim são elementos de grande valor simbólico, pois estão associados à origem, a tradição oral e aos códigos legisladores dessa etnia. Ver Corrêa (2019), Torres (2014), Teixeira *et al* (2009).

[11] A cidade de Parintins recebeu vários nomes ao longo da sua história, a saber: Las Picotas (1542), São Miguel dos Tupinambarana (1669), Aldeia de São Francisco de Xavier dos Tupinambarana (1723), Vila Nova da Rainha (1798), Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Tupinambarana (1833), Vila Bela da Imperatriz (1859) e Parintins (1880). Ver Corrêa (2019).

[12] José Pedro Cordovil é considerado o fundador oficial de Parintins, chegando nessa região por volta de 1796, acompanhado de agregados e de escravos, introduzindo a atividade da pesca ao pirarucu, o cultivo do cacau, do tabaco do guaraná e da maniva, por meio principalmente da exploração da mão-de-obra indígena. Ver Cerqua (1980).

[13] O Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras surgiu da unificação do Seminário Lombardo para Missões Estrangeiras (1850) com o Seminário dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo para as Missões Estrangeiras (1871), realizada pelo Papa Pio IX.

[14] Dom Arcângelo Cerqua (1917-1990) foi o primeiro bispo da Diocese de Parintins no período de 1961 a 1989. Participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II, é autor da construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, da Rádio Alvorada, do Hospital Padre Colombo, do Hino de Parintins e outras obras e projetos sociais que o levaram a conquistar a admiração e o respeito dos católicos e das autoridades políticas da época.

[15] O governo de Juscelino Kubitschek assumiu o discurso de desenvolvimento econômico capaz de pôr fim ao estado de pobreza e atraso para atingir a prosperidade por meio, entre outros, da industrialização do país. Ver Benaion (2006).

[16] O Festival Folclórico de Parintins é realizado no último final de semana do mês de junho, com apresentações de quadrilhas caipiras e a disputa dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso no Centro Cultural de Parintins, o Bumbódromo. Ver Braga (2002).

[17] O inverno amazônico corresponde ao período (fevereiro a julho) de maior incidência de chuvas, contribuindo para a enchente dos rios, provocando a inundação das terras de várzea, a redução do nível de oxigênio das águas e escassez do pescado. O verão amazônico é o período (agosto a janeiro) que ocorre o recuo das águas facilitando a captura de grandes quantidades de peixes, as temperaturas ficam mais elevadas e as terras de várzea ressurgem fertilizadas pelas águas do rio Amazonas.

[18] O círio é a procissão que abre oficialmente a festa da padroeira na cidade de Parintins. A imagem da santa é levada no andor e acompanhada de devotos e fiéis que caminham pelas ruas da cidade até a Catedral para a celebração eucarística. Ver Corrêa (2019).

[19] Canoas grandes de dez a quinze palmos, muito utilizadas na região do Baixo Amazonas até na metade do século XX.

[20] Rabeta é um motor pequeno de propulsão acoplado na traseira de pequenas embarcações ou canoas, conduzida manualmente, geralmente com a ajuda de um bastão que controla a sua direção, é um transporte comumente utilizado na Amazônia.



[21] Ver Corrêa (2019)

[22] O triciclo é um transporte típico do município de Parintins. Ele é adaptado na bicicleta, na qual a parte dianteira tem o formato de uma carroceria, serve para transportar pessoas e pequenas mercadorias. Cada corrida custa entre R\$5,00 a R\$20, dependendo da distância a ser percorrida, da quantidade de pessoas ou do peso das mercadorias, pois este transporte é movido pela força do condutor ou condutora ao mover os pedais que fazem as rodas do triciclo girarem.

[23] A Empresa Municipal de Trânsito e Transporte (EMTT) isola o trecho da avenida em frente à Catedral nas noites de arraial e durante a procissão no dia 16 de julho, organizando o tráfego de pessoas nessa área.

[24] Ver Durkheim (2008).

[25] O “Toco” era o nome dado a um Bordel no qual os homens da alta sociedade frequentavam. As mulheres casadas se queixavam constantemente desse lugar ao bispo, levando a diocese a comprar o terreno onde estava instalado este ambiente, levando esses bordéis a se afastarem do centro da cidade de Parintins. Ver Cerqua (1980).

[26] Ver Cerqua (1980).

## **Artigo inscrito para GT7. PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E PROCESSOS CIVILIZADORES NA PAN-AMAZÔNIA**

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia, festa da padroeira, processo civilizador, controle social